

O ENTERRO PREMATURO

Há certos temas que despertam totalmente o nosso interesse, mas que também são demasiado terríveis para servir aos propósitos da verdadeira ficção. O romancista simplório deve abster-se deles se não deseja ofender ou provocar nojo. Eles são trabalhados com justeza apenas quando o rigor e a excelência da verdade os santificam e sustentam. Nós nos impressionamos, por exemplo, com os exemplos mais intensos de “dores prazerosas” sobre os relatos sobre a Batalha de Berezina, sobre o Terremoto em Lisboa, sobre a Peste em Londres, sobre o Massacre de São Bartolomeu ou sobre o sufocamento de cento e vinte e três prisioneiros no Buraco Negro de Calcutá. Porém, entre esses relatos, é o fato – é a realidade – é a história que nos impressiona. Fossem meras fábulas, apenas olharíamos para eles cheios de repugnância.

Acabo de mencionar algumas das mais famosas e impressionantes catástrofes de que se tem notícia; porém, é a sua dimensão, não menos que seu caráter, que impressiona tão intensamente a imaginação. Preciso lembrar ao leitor que, entre o longo e insólito catálogo das misérias humanas, eu poderia citar muitos exemplos repletos de um sofrimento mais profundo do que quaisquer desses grandes desastres coletivos. A verdadeira desgraça, de fato – a angústia mais fatal – é individual, e não pública. Os mais assustadores extremos da agonia são suportados pelo homem em sua solidão, e nunca pela multidão – por isso agradeçamos a um misericordioso Deus!

Ser enterrado vivo é, sem dúvidas, o maior horror que pode acontecer a um mero mortal. Qualquer um que raciocine não pode negar que isso acontece com muita, muita frequência. As fronteiras que separam a Vida e a Morte são, na melhor das hipóteses, obscuras e vagas. Quem ousaria dizer onde termina uma e onde começa a outra? Sabemos que existem doenças em que ocorre total suspensão de sinais vitais aparentes e também que, nesses casos, essas suspensões são interrupções propriamente ditas. São pausas temporárias de um mecanismo incompreensível. Passado certo tempo, misteriosas e invisíveis leis, mais uma vez, fazem mover as mágicas rodas e engrenagens. O cordão prateado não fora perdido para sempre,

e nem o globo de ouro fora para sempre rompido. Mas onde, nesse momento, se encontrava a alma?

De qualquer maneira, além da conclusão inevitável, *a priori*, de que tais causas produzam tais efeitos – que as conhecidas ocorrências desses casos de suspensão dos sinais vitais causaram, vez ou outra, sepultamentos precipitados –, além dessa óbvia conclusão, temos depoimentos médicos e de pessoas comuns que comprovam um vasto número desse tipo de sepultamento. Posso recorrer prontamente, se necessário, a uma centena de casos confirmados. Um caso de caráter notável, e cujas circunstâncias ainda devem estar frescas na memória de alguns dos meus leitores, ocorreu há não muito tempo, nas cercanias da cidade de Baltimore, onde gerou uma dolorosa, intensa e ampla comoção. A esposa de um dos mais respeitáveis cidadãos – um advogado em evidência e membro do Congresso – contraiu uma doença repentina e desconhecida, que espantou e desafiou o conhecimento de seus médicos. Depois de muito sofrimento, ela faleceu – ou acreditou-se nisto. Ninguém suspeitou, de fato, ou teve motivos para suspeitar, que ela não estivesse verdadeiramente morta. Ela apresentara todos os aspectos comuns de falecimento. Seu rosto tinha a expressão aflita e contornos encovados. Os lábios, a palidez marmórea. Os olhos estavam sem brilho. Não havia nenhum calor. Nem pulsação. O corpo foi velado durante três dias, tempo em que adquiriu uma rigidez pétreia. O funeral teve de ocorrer às pressas, no fim das contas, devido ao rápido avanço do que pensavam ser o estado de decomposição.

A senhora foi colocada na cripta da família, que, ao longo dos três anos seguintes, ficou intocada. Depois desse período, a cripta foi reaberta para receber um esquife – que horror! Que terrível choque aguardava o marido, quando, pessoalmente, abriu a porta. À medida que as portas se moviam, um objeto envolto em um tecido branco despencou em seus braços. Era o esqueleto de sua mulher, enrolado no que ainda restava de sua mortalha.

Uma investigação cuidadosa confirmou que ela despertara depois de dois dias de seu sepultamento – que seus movimentos desesperados dentro do caixão fizeram-no cair de uma prateleira, ou estante, para o assoalho, e ele se quebrou o suficiente para permitir a sua libertação. Uma lamparina que havia sido esquecida cheia de óleo dentro da sepultura foi encontrada seca; deve ter esvaziado pela evaporação. No mais alto dos degraus que conduziam ao fundo da pavorosa tumba havia um grande pedaço do caixão com o qual, parece, ela havia se empenhado em chamar atenção, golpeando a porta de ferro. Nesse momento, ela provavelmente desmaiou, ou morreu, de profundo terror; e quando caiu sua mortalha ficou presa em algum ornamento de ferro apontado para dentro. Assim ela ficou, e assim, em pé, apodreceu.

Em 1810 aconteceu na França um caso de enterro prematuro em circunstâncias tão extremas que confirmam a expressão de que a verdade é, sem dúvidas, mais estranha que a ficção. A heroína de nossa história é Mlle. Victorine Lafourcade, jovem de família ilustre e abastada e de grande beleza. Entre seus inúmeros pretendentes estava Julien Bossuet, um pobre literato, ou jornalista, de Paris. Seus talentos e afabilidade atraíram o olhar da herdeira, por quem, parece, foi realmente amado; mas no fim das contas o berço de ouro falou mais alto e ela se casou com um tal M. Renelle, banqueiro e diplomata em ascensão. Porém, passado o casamento o cavalheiro a negligenciou, e era ainda mais certo que ele a maltratava. Depois de alguns anos miseráveis, ela faleceu – pelo menos sua aparência era muito semelhante à morte para enganar qualquer um que a visse. Foi enterrada não em uma cripta, mas em um túmulo comum no vilarejo em que nascera. Tomado pelo desespero e ainda contaminado pela memória de um vínculo profundo, o amante viaja da capital à remota província onde se encontra o vilarejo

com o romântico propósito de desenterrar o cadáver e pegar para si um punhado de seus exuberantes cachos. Ele chega ao túmulo. À meia-noite, desenterra o caixão, abre-o e, enquanto está cortando o cabelo, é flagrado pelos olhos abertos de sua amada. Na verdade, a jovem havia sido enterrada viva. A vitalidade ainda não sumira de todo; e, graças ao contato com seu amado, ela despertara da letargia confundida com a morte.

Ele a conduziu freneticamente para seu alojamento no vilarejo. Empregou poderosos restaurativos, indicados por seus conhecimentos médicos, que não eram poucos. Enfim, ela sobreviveu. Ela reconheceu seu salvador. Ela ficou com ele até, devagar, recuperar totalmente a saúde. Seu coração feminino já não estava inflexível, e aquela última lição de amor foi suficiente para amansá-lo. Ela ofereceu o seu amor a Bossuet. Ela não retornou para o marido, mas, mantendo em segredo a sua ressurreição, fugiu com o amado para a América. Vinte anos mais tarde, os dois voltaram à França, acreditando que o tempo havia mudado a aparência da mulher tão intensamente que seus amigos não seriam capazes de reconhecê-la. Estavam errados, entretanto, pois à primeira vista Monsieur Renelle reconheceu e reivindicou a sua esposa. Ela negou a reivindicação do marido e os tribunais apoiaram-na em sua resistência, determinando que circunstâncias tão peculiares, além do longo intervalo de tempo, extinguíram, não somente por justiça, mas também por questões legais, a autoridade do marido.

O *Diário de Cirurgia* de Lepzig – um periódico de grande prestígio e mérito, que algumas editoras americanas fariam bem em traduzir e republicar, possui, em um número recente, um evento infeliz com o personagem em questão.

Um oficial da artilharia, homem de imensa estatura e saúde exemplar, foi arremessado do dorso de um cavalo indomável, levando bem na cabeça um coice que o fez perder imediatamente os sentidos; seu crânio foi levemente fraturado, mas não foi observado nenhum dano preocupante. A trepanação foi cumprida com sucesso. Ele passou por uma sangria e várias outras tentativas de aliviar a dor foram empregadas. No entanto, gradualmente, ele caiu num estado de estupor mais e mais profundo, até que o consideraram morto.

O dia estava quente, e ele foi enterrado com uma prensa desumana em um cemitério público. Seu funeral ocorreu em uma quinta-feira. No domingo seguinte, como sempre, o cemitério estava repleto de visitantes, e perto do meio-dia começou um intenso burburinho, quando um agricultor declarou que, enquanto estava sentado sobre a cova do oficial, sentiu claramente um movimento na terra, como se fosse causado por alguém se debatendo lá embaixo. Inicialmente, deram pouca atenção à afirmação do homem, mas o terror de sua expressão e a obstinação com que repetia a história finalmente surtiram efeito na multidão. Pás foram rapidamente distribuídas e a cova, que estava vergonhosamente rasa, em poucos instantes estava aberta, deixando à mostra a cabeça de seu ocupante. Naquele momento ele parecia morto, mas estava quase sentado em seu caixão, cuja tampa conseguira erguer parcialmente com sua furiosa luta.

Ele foi imediatamente carregado até o hospital mais próximo, e ali foi declarado ainda vivo, mesmo que num estado de asfixia. Depois de algumas horas ele voltou à vida, reconheceu pessoas próximas e, em frases entrecortadas, falou sobre sua agonia.

A partir de seu relato, ficou claro que ele deve ter tido consciência de sua vida durante mais de uma hora, enquanto estava enterrado, antes de perder os sentidos. A sepultura fora preenchida com desleixo e com uma terra excessivamente porosa; assim o ar podia passar. Ele ouviu os passos da multidão acima de sua cabeça e empenhou-se em ser ouvido também. Foi o

tumulto no cemitério, disse ele, que aparentemente o acordou do sono profundo, mas, assim que ele despertou, entendeu totalmente o horror de sua condição.

Consta nos registros que esse paciente passava bem e parecia estar a caminho da plena recuperação, mas acabou vítima das charlatanices dos experimentos médicos. A pilha galvânica lhe foi aplicada e ele expirou de repente em um desses paroxismos estáticos que ela induz.

A lembrança da pilha galvânica, por sua vez, traz à minha memória um caso conhecido e extraordinário, em que sua ação se provou eficaz no reestabelecimento da animação de um jovem advogado em Londres que fora enterrado por dois dias. O fato ocorreu em 1831, e, na ocasião, a sensação profunda era de que não se falava em outra coisa.

O paciente, Mr. Edward Stapleton, morrera aparentemente de febre de tifo, acompanhada por alguns sintomas anômalos que despertaram a curiosidade de seus médicos. Com sua morte aparente foi pedida a seus amigos a permissão para uma autópsia, mas o pedido foi negado. Nesses casos de recusa, normalmente os médicos desenterram o corpo e dissecam-no nas horas vagas, em segredo. O acordo foi facilmente fechado com um desses ladrões de cadáveres que se proliferam em Londres, e na terceira noite após o funeral o suposto cadáver foi desenterrado de uma cova com oito pés de profundidade e levado a uma câmara secreta de um hospital secreto.

Foi feita uma extensa incisão no abdome, quando a aparência fresca e vigorosa do sujeito sugeriu uma aplicação da bateria. Um experimento levou a outro, e efeitos habituais foram observados sem quaisquer características particulares, exceto uma ou duas ocasiões em que um grau de vivacidade mais forte que o normal foi observado durante as convulsões.

As horas passaram. O sol estava prestes a se por; mais ainda assim era recomendado, no fim das contas, prosseguir de uma vez com a dissecação. No entanto, um estudante tinha um desejo particular de testar a própria teoria, e insistiu para que, antes, aplicassem a pilha em um dos músculos peitorais. Foi feito um corte rudimentar, e um fio elétrico foi rapidamente colocado em contato quando o paciente, com um movimento convulsivo brusco, mas silencioso, levantou-se da mesa, parou no meio da sala, olhou para si mesmo por alguns segundos sem compreender e, então, falou. O que ele disse foi inteligível, mas palavras foram proferidas; era possível distinguir as sílabas. Depois de falar, caiu pesadamente no chão.

Por alguns instantes todos ficaram paralisados de terror, mas a urgência do caso logo restabeleceu suas consciências. Foi observado que Mr. Stapleton estava vivo, embora desmaiado. Depois da inalação de éter ele se reanimou, recuperou a saúde e voltou ao convívio dos amigos – para quem, de qualquer maneira, o conhecimento sobre a ressuscitação foi ocultado, até que uma recaída não trouxesse mais receios. A surpresa deles – seu espanto arrebatador – era de se imaginar.

A peculiaridade mais excitante desse incidente, não obstante, está relacionada com as próprias declarações de Mr. S. Ele afirma que em nenhum momento estava completamente insensível – que, pesada e confusamente, ele estava consciente de tudo o que acontecera com ele, do momento em que fora declarado morto pelos médicos até o seu desmaio, no chão do hospital. “Estou vivo” foram as incompreensíveis palavras que, após reconhecer a sala de dissecação, ele empenhou todas as forças para pronunciar.

Seria fácil multiplicar histórias como essa – mas paro por aqui –, porém, na realidade, isso não é necessário para concordarmos com o fato de que enterros prematuros acontecem.

Quando refletimos sobre o quão raramente, de acordo com a natureza do caso, temos a oportunidade de detectá-los, devemos admitir que talvez ocorram com muita frequência sem o nosso conhecimento. Raramente, na verdade, um cemitério é invadido, por qualquer razão, em qualquer extensão, sem que esqueletos sejam encontrados em posições que sugerem a mais assustadora suspeita.

Suspeita realmente assustadora – e mais assustador o destino! Pode-se declarar, sem hesitações, que nenhum acontecimento seja tão terrivelmente preciso a inspirar a suprema angústia do corpo e da mente quanto o enterro antes da morte. A insuportável opressão dos pulmões – o vapor sufocante da terra úmida – a mortalha grudando no corpo – as paredes rígidas da estreita casa – a escuridão da noite absoluta – o silêncio como um oceano que esmaga – a invisível mas palpável presença do verme vitorioso – tudo isso, com pensamentos no ar e na grama acima, com a lembrança de amigos queridos que correriam em nosso socorro se soubessem de nossa situação, e com a consciência de que eles nunca serão informados sobre esse destino – que nossa porção menos esperançosa é a da morte real – essas considerações, digo, conduzem ao coração que ainda palpita um grau de espanto e intolerável terror diante do qual a mais ousada imaginação se recolhe. Não sabemos de nada que possa ser tão aflitivo sobre a Terra – não podemos sonhar com nada tão horrendo nos domínios do mais profundo inferno. E deste modo todas as histórias sobre o assunto despertam profundo interesse; um interesse, no entanto, que, entre o sagrado respeito do tema em si, depende muito própria e particularmente de nossa convicção da veracidade da narração. O que tenho a contar, agora, diz respeito ao meu próprio conhecimento – à minha experiência positiva e pessoal.

Durante muitos anos fui submetido a ataques de um distúrbio singular que os médicos denominaram catalepsia, na falta de um termo mais definitivo. Apesar de as tendências e causas imediatas, e até mesmo o diagnóstico final da doença, ainda serem um mistério, seu caráter óbvio e evidente é suficientemente compreendido. Suas variações parecem ser principalmente nos graus. Às vezes o paciente permanece deitado, por apenas um dia ou até um período mais curto, em uma espécie de letargia excessiva. Ele fica sem sentidos e aparentemente não se move; mas a pulsação do coração ainda é levemente perceptível; restam alguns vestígios de temperatura; uma cor pálida persiste nas maçãs do rosto; e, ao se colocar um espelho sobre os lábios, podemos detectar uma apática, parcial e vacilante ação dos pulmões. Então novamente o transe pode durar semanas – até mesmo meses; enquanto a mais rigorosa avaliação e os mais apurados exames médicos falham em estabelecer qualquer diferença palpável entre a inércia e o estado que concebemos como a morte absoluta. Com muita frequência ele escapa do enterro prematuro apenas graças ao conhecimento de seus amigos de que ele fora, previamente, vítima da catalepsia, à conseqüente suspeita despertada e, sobretudo, à não-decomposição do corpo. Por sorte, o avanço da doença é gradual. As primeiras manifestações, ainda que características, são evidentes. Os espasmos aumentam sucessivamente, mais e mais inconfundíveis, e duram mais tempo que os espasmos precedentes. Nisto está a principal certeza para o enterro. Os desafortunados cujo primeiro ataque atingira seu caráter extremo, visto muito ocasionalmente, são quase inevitavelmente levados vivos à tumba.

Meu caso não diferia em nenhum detalhe dos casos relatados nos livros médicos. Às vezes, sem nenhuma causa aparente, afundava-me, lentamente, em uma condição de semi-síncope, ou quase desmaio; e, nessa condição, sem dor alguma, sem agilidade ou movimento, ou, falando precisamente, sem pensar, mas com uma inerte consciência da vida e da presença daqueles que rodeiam a minha cama, permanecia, até que a crise da doença me reconduzia, de repente, à sensibilidade perfeita. Outras vezes fui rápida e impetuosamente atingido. Fiquei

doente, e entorpecido, e com frio, e atordoado, e então, por fim, prostrado. Então, durante semanas, tudo era vazio, e negro, e silencioso, e o universo se tornara Nada. Não poderia haver destruição maior. Destes ataques mais recentes, no entanto, despertei tão lentamente quanto mais súbita fora a sua ocorrência. Assim como o dia morre para os indigentes solitários e sem lar, que vagam pelas ruas nas longas e desoladas noites de inverno – assim tão lenta – assim tão pesada – assim tão alegre a luz da Alma voltava a mim.

Apesar dessa tendência ao transe, contudo, minha saúde em geral parecia muito boa; não pude observar que ela estava totalmente afetada pelo mal predominante – a não ser, entretanto, por uma idiosincrasia que parecia ter sido induzida durante meu sono diário. Ao acordar do descanso eu nunca adquiria, de uma vez, total controle dos meus sentidos, e sempre permanecia, durante alguns minutos, mergulhado em espanto e perplexidade – as faculdades mentais, em geral, mas a memória, em particular, ficavam numa condição de absoluta suspensão.

Por tudo o que suportei não havia sofrimento físico, mas uma infinita aflição moral. Meus pensamentos se tornaram sombrios, falava sobre “vermes, tumbas e epitáfios”. Estava perdido em devaneios de morte, e a ideia de um enterro prematuro tomou posse de meu cérebro. O terrível perigo a que eu estava sujeito me assombrava dia e noite. No passado, a tortura da meditação era excessiva – recentemente, era absoluta. Quando a Escuridão assombrosa se espalhar pela Terra, então, com todo o horror do pensamento, eu tremia – tremia como as plumas agitadas sobre o carro funerário. Quando a Natureza não pudesse mais suportar a vigília, seria com esforço que me permitiria adormecer – pois esse pensamento me dava calafrios: que, ao acordar, pudesse me encontrar senhor de um túmulo. E quando finalmente conseguia dormir, era apenas para entrar em um mundo fantasmagórico sobre o qual, com amplas e dominantes asas negras, pairava, implacável, a ideia sepulcral.

Das inúmeras imagens obscuras que dominavam meus sonhos separei, para registrar, uma visão solitária. Parece-me que estava imerso em um transe cataléptico mais duradouro e profundo que o normal. De repente, senti o toque de uma mão gélida sobre a minha testa e uma voz trêmula e impaciente sussurrou “Levante-se” em meu ouvido.

Sentei-me, ereto. A escuridão era total. Não podia ver a figura de quem me levantara. Não podia trazer à memória nem o período em que estive imerso no transe e nem o local onde me prostrei. Enquanto permaneci inerte e ocupado em esforços para recobrar meus pensamentos, a mão fria agarrou meu pulso com força, sacudindo-o grosseiramente enquanto a voz trêmula dizia, mais uma vez:

“Levante-se! Não ordenei que levantasse?”

“E quem”, perguntei, “és tu?”

“Não tenho nome nas regiões que habito”, respondeu a voz, lamentando-se; “eu era mortal, mas sou o demônio. Eu era impiedoso, mas hoje sou digno de pena. Tu sentes meu tremor – meus dentes batem enquanto falo, e não é pelo frio da noite – da noite sem fim. Mas esta morbidez é insuportável. Como podes adormecer tranquilamente? Eu não consigo uma trégua do pranto desta agonia. Essas visões são mais do que posso suportar. Levanta-te! Vem comigo para a Noite distante e deixe-me abrir-lhe a sepultura. Não é um espetáculo de dor? – Olha!”

Olhei; e a figura invisível, que ainda me segurava pelo pulso, havia aberto os túmulos de toda a humanidade, e de cada espaço emergiu a abafada radiância fosfórica da podridão, então pude ver os mais profundos abismos; e ali estavam os corpos envolvidos em seu descanso triste e solene com o verme. Mas, ai de mim! Os verdadeiros mortos eram poucos, entre milhões, em relação àqueles que não pereceram; e havia um débil debater-se; e havia uma tristeza geral e sem descanso; e de fora das profundezas das incontáveis sepulturas vinha o sussurro das vestimentas dos sepultados. E entre aqueles que pareciam tranquilos em seu repouso percebi que um grande número havia mudado, em maior ou menor grau, a rígida e incômoda posição em que foram originalmente enterrados. E a voz disse, mais uma vez, enquanto eu olhava, atento:

“Não é – oh! Não é uma visão deplorável?” – porém, antes que eu pudesse encontrar palavras para responder, a figura soltou o meu pulso, as luzes fosfóricas se apagaram e as sepulturas fecharam-se com uma violência repentina enquanto fora delas se iniciava um tumulto de lamentos desesperados, dizendo novamente: “Não é – oh, Deus, não é uma visão deplorável?”.

Delírios como esse, que me visitavam à noite, exerciam sua assustadora influência durante todas as minhas horas de vigília. Meus nervos ficaram completamente esgotados, e me tornei vítima de um horror sem fim. Eu hesitava em cavalgar, ou caminhar, ou me permitir fazer qualquer atividade que me afastasse de casa. De fato, eu sequer ousava deixar a minha pessoa longe da urgente presença daqueles que estavam cientes da minha tendência à catalepsia, com receio de que, ao cair em um de meus ataques usuais, eu pudesse ser enterrado antes que a minha real condição fosse confirmada. Duvidava do cuidado, da lealdade de meus amigos mais queridos. Eu temia que, em algum transe mais longo que o normal, eles fossem persuadidos de que a minha situação era irreversível. Fui tão longe que cheguei a temer que, por ter lhes causado tanto incômodo, eles talvez ficassem satisfeitos em considerar qualquer ataque mais prolongado como desculpa adequada para livrar-se de mim, todos eles. Era em vão que se esforçavam para me tranquilizar, com as mais solenes promessas. Eu cobrava-lhes os mais sagrados juramentos de que, sob nenhuma circunstância, eles me enterrariam até que a decomposição tivesse avançado tanto que fosse impossível preservar além daquilo. E, ainda assim, meu terror mortal não dava ouvidos à razão – não aceitava qualquer conforto. Fui tragado por uma série de elaboradas precauções. Entre outras coisas, tive o mausoléu da família todo reformado para permitir que fosse prontamente aberto por dentro. A mais leve pressão sobre uma longa alavanca que ia até o fundo da tumba podia fazer o portão de ferro voar. Havia também um sistema de livre passagem de ar e luz, e entradas para comida e água ao alcance imediato do caixão, planejados para a minha recepção. O caixão era calorosa e suavemente acolchoado, e era provido de uma tampa elaborada sob os princípios da caixa-forte, com molas planejadas para que o mais débil movimento do corpo fosse suficiente para colocá-lo em liberdade. Além de tudo isso havia suspenso no teto da sepultura um enorme sino, cuja corda – isso foi planejado – estendia-se através de um buraco no caixão e deveria ser presa a uma das mãos do cadáver. Porém, ai de mim, de que vale a vigilância contra o Destino dos homens? Nem mesmo essas bem-planejadas garantias bastaram para me salvar das mais remotas agonias do sepultamento em vida, um miserável condenado a esse sofrimento!

Chegou uma época – como tantas vezes chegaram antes – na qual me encontrava emergindo da inconsciência total para o mínimo e indefinido sentido de existência. Uma inquietação tórpida. Uma resistência patética a uma dor intensa. Lentamente – num ritmo de tartaruga – o cinza débil do amanhecer do dia psíquico acercou-se. Nenhum cuidado – nenhuma

esperança – nenhum esforço. Então, após um longo intervalo, uma campainha nos ouvidos; então, depois de um tempo ainda mais longo, uma sensação de formigamento e tremor nas extremidades; então um período aparentemente eterno de agradável tranquilidade, durante o qual os sentidos, a despertar, esforçavam-se à razão; então um breve mergulho à não existência; então a súbita recuperação. Finalmente o tremor leve de uma pálpebra, e imediatamente um choque elétrico de terror, mortal e indefinido, que envia o sangue em torrentes das têmporas ao coração. E agora o primeiro esforço positivo para pensar. E agora o primeiro ímpeto para se lembrar. E agora um sucesso parcial e imperceptível. E agora a memória consegue assumir o controle de que, em certa medida, estou consciente de meu estado. Sinto que não estou despertando de um sono comum. Lembro que tenho sido acometido pela catalepsia. E agora, por fim, como por uma onda no oceano, meu espírito inquieto está totalmente dominado pelo repugnante Perigo – pela espectral e eterna ideia.

Durante alguns minutos depois de ser dominado por esse ataque, abandonei-me sem fazer o menor movimento. E por quê? Não conseguia reunir coragem para me mover. Não ousei esforçar-me para me conformar com o meu destino – e além disso havia algo em meu íntimo sussurrando-me que era aquilo. Desespero – uma espécie de desespero nunca conhecida por mim – o desespero, sozinho, após longa hesitação, me fez erguer as pálpebras pesadas de meus olhos. Levantei-as. Estava escuro – tudo escuro. Eu sabia que o ataque havia terminado. Eu sabia que a crise de minha doença já havia passado há muito. Eu sabia que havia então recuperado totalmente o domínio de minhas faculdades visuais – e ainda estava escuro – tudo escuro – a intensa e absoluta escuridão da noite a durar para todo o sempre.

Esforcei-me para gritar – e meus lábios e minha língua seca moveram-se convulsivamente juntos na tentativa – mas nenhuma voz veio de dentro dos cavernosos pulmões, que, oprimidos como se estivessem sob uma montanha, suspiravam e palpitavam, com o coração, a cada esforçada e vacilante inspiração.

O movimento das mandíbulas, nesse esforço para gritar em voz alta, me fez perceber que elas estavam unidas, como é comum nos cadáveres. Sentia, também, que repousava sobre uma superfície rígida, e por algo similar os dois do lados meu corpo se encontravam comprimidos. Até certo ponto, não me atrevi a mover nenhum dos meus membros – mas então, violentamente, ergui os braços, que estavam abandonados ao longo do tronco, com os pulsos cruzados. Eles se chocaram com uma sólida superfície de madeira que se estendia em uma distância de não mais de seis polegadas sobre o meu rosto. Já não podia duvidar que repousava dentro de um caixão.

E agora, em meio às minhas misérias infinitas, docemente surgiu o querubim da Esperança – assim que pensei em minhas precauções. Contorci-me e fiz esforços espasmódicos para abrir a tampa: ela não se moveu. Tateei meus pulsos procurando a corda do sino: não a encontrei. E então meu Consolo se foi para sempre, e o Desespero restante reinou triunfante; pois não pude deixar de notar a ausência do estofado que tinha preparado tão cuidadosamente – e então, também, de repente chegou às minhas narinas o forte e peculiar odor da terra úmida. A conclusão foi precisa. Eu não estava na sepultura. Sofrera um ataque enquanto estivera fora de casa, entre estranhos – quando, ou como, não conseguia lembrar – e esses estranhos haviam me enterrado como a um cão – preso a um caixão ordinário – e impelido profundamente, profundamente e para sempre, dentro de uma vala comum e sem nome.

Conforme esta terrível certeza se impunha, assim, até as mais profundas câmaras de minha alma, tentei, mais uma vez, lutar para gritar. Neste segundo esforço, triunfei. Um longo, selvagem e contínuo urro, ou grito de agonia, ressoou através dos reinos da Noite subterrânea.

“Eeeeei! Ei, você!”, respondeu uma voz rude.

“Qual é o problema agora, diabos?!”, disse uma segunda voz.

“Saia já daí”, completou uma terceira.

“O que você deseja gritando desse jeito, feito um gato selvagem?”, disse ainda uma quarta voz; e enquanto isso fui imobilizado e agitado sem cerimônia, por alguns minutos, por um grupo de indivíduos muito grosseiros. Eles não me despertaram do meu sono – pois estava acordado quando gritei – mas me fizeram recuperar o total controle de minhas faculdades mentais.

A experiência ocorreu perto de Richmond, Virgínia. Acompanhado de um amigo, havíamos avançado, em uma expedição de caça, algumas milhas abaixo pelas margens do James River. Anoiteceu, e fomos surpreendidos por uma tempestade. A cabine de um pequeno barco ancorado na margem, carregado de terra para jardim, era o único abrigo disponível. Fizemos o melhor que pudemos e passamos a noite a bordo. Adormeci em um dos dois beliches da embarcação – e os beliches de um barco de sessenta ou setenta toneladas nem precisam ser descritos. O que ocupei não possuía qualquer tipo de colchão. Sua largura máxima era de dezoito polegadas. A distância entre a superfície e o deque acima era precisamente a mesma. Tive grande dificuldade de me apertar para caber ali. Mesmo assim, dormi profundamente, e a minha visão – pois não era um sonho, e nem um pesadelo – veio naturalmente a partir das circunstâncias de minha posição – da inclinação habitual de meus pensamentos – e da dificuldade, à qual já me referi, de reunir os meus sentidos e, especialmente, de recuperar a memória depois de despertar de um longo tempo de sono. Os homens que me sacudiam eram membros da tripulação do barco, e alguns trabalhadores o estavam descarregando. Era da própria carga que vinha o cheiro de terra úmida. A bandagem em volta do maxilar era um lenço de seda com o qual amarrei a minha cabeça, na ausência de minha habitual touca de dormir.

As angústias que suportei, de qualquer forma, sem dúvida foram semelhantes à de uma sepultura real. Foram repletas de terror – foram inconcebivelmente terríveis; mas do Mau originou-se o Bem; pois seu excesso despertou em meu espírito uma reação inevitável. Minha alma ganhou tônus – ganhou disposição. Saí de casa. Fiz exercícios vigorosos. Respirei o ar puro dos céus. Pensei em outros assuntos além da Morte. Desfiz-me de meus livros médicos. “Buchan”, queimei. Nunca mais li *Pensamentos noturnos* – nem reflexões sobre cemitérios de igrejas – nem contos de suspense – como este. Em resumo, tornei-me um novo ser humano, e vivi uma vida de ser humano. Depois daquela noite inesquecível, afugentei para sempre as angústias sepulcrais, e com elas também foi varrida a catalepsia, da qual, talvez, elas tenham sido menos a consequência do que a causa.

Há momentos em que, mesmo com o olhar sóbrio da Razão, o universo de nossa triste Humanidade adquire o semblante do Inferno – mas a imaginação do homem não é nenhuma Carathis, para explorar impunemente todas as suas cavernas. Ai de mim! O repugnante exército de terrores sepulcrais não pode ser considerado totalmente irreal – mas, assim como os demônios em cuja companhia Afrasiab fez sua viagem até o Oxus, eles precisam dormir, ou podem nos devorar – devem permanecer em seu sono, ou pereceremos.